

Evolução na África Austral não altera política anti-*"apartheid"*

— Presidente Bernardo Vieira

O Presidente da Cimeira Extraordinária dos «Cinco» e Chefe do Estado guineense, João Bernardo Vieira, afirmou ao abrir aquele encontro que a actual evolução da situação na África Austral não altera a política anti-*"apartheid"* dos cinco, antes pelo contrário, «apelamos à identi-

Camarada Presidente Samora Machel, da República Popular de Moçambique,

Camarada Presidente Eduardo dos Santos, da República Popular de Angola.

Camarada Presidente Aristides Pereira, da República de Cabo Verde.

Camarada Presidente Manuel Pinto da Costa, da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Ilustres Convidados,
Camaradas e Amigos:

É com enorme prazer que me encontro de novo em terra moçambicana e numa confraternização de espíritos unificados por uma justa e mesma causa.

Antes de mais gostaria de exprimir os meus votos de solidariedade para com o povo martirizado de Moçambique que este ano foi vítima das vicissitudes naturais que todos

acompanhamos com pesar, desde a seca até à acção devastadora de um furacão.

No início de um novo encontro ao mais alto nível entre os nossos cinco países, gostaria de realçar antes de mais, o acolhimento caloroso que nos tem sido reservado e a atmosfera propícia que foi criada para o desenrolar dos nossos trabalhos. Na pessoa do Presidente Samora Machel, testemunhamos o apreço que tal atitude das autoridades e do povo moçambicano merecem nos nossos sentimentos. A coragem e a clareza política evidenciadas pelo processo moçambicano lembram-nos assim que o povo, do Rovuma ao Maputo, é como que uma entidade de ligações bilíngues com os nossos povos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe.

Camaradas e Amigos:

Os parâmetros da unificação das

forças são estudados pela física, no quadro das suas teorias científicas. Mas os contornos humanos da união dos nossos povos são explicados pelo longo percurso histórico que antecede este instante em que me exprimo.

A nossa solidariedade não é fictícia nem poderia ser hipócrita. Ela é real porque assenta numa intrínseca vontade de mostrar ao mundo que acreditamos no ideal político que preside ao nosso continente: a África deve unir-se!

Nós demonstramos, no quotidiano ensombrado, que a força da nossa união é baseada na esperança que temos na construção de um futuro mais feliz para os nossos povos.

A manutenção da nossa coesão depende, em larga medida, da capacidade manifesta de nos compreendermos uns aos outros, de forma a enraizarmos as nossas vivências numa conjunção única, qual manifestação

de eloquência e compreensão entre os homens.

Para a certeza da aplicação destas vontades necessitamos de paz. Condição indispensável para a instrumentalização dos mecanismos que nos conduzirão ao desenvolvimento e ao progresso.

Numa época em que os países industrializados se preocupam com a manutenção da paz, quem nos poderia condenar por também o reivindicarmos?

O contexto histórico no qual nasceram as nossas lutas não é o mesmo hoje em dia. A perpetuação dos nossos princípios ideológicos e das nossas batalhas políticas não implica a estagnação da concepção de novos caminhos. Sempre acreditamos na riqueza e criatividade das massas face aos obstáculos que nos atropelam

Caros Colegas:

O mundo continua a ser atormentado

por focos de tensão que prejudicam gravemente os equilíbrios antes observados. Durante o nosso encontro de Bissau tivemos a possibilidade de analisar em detalhe os nossos sujeitos de preocupação e as consequências que nos suscitavam. Nas suas grandes linhas — inteiramente — essa análise continua a ser actual.

No entanto, na África Austral, um vento novo parece alterar o comportamento da racista África do Sul para com alguns dos membros da nossa comunidade. Essa atitude suscita-nos o respeito pela vontade política manifesta de ultrapassar uma certa ordem de conflitos.

O Acordo de Lusaka (entre Angola e a África do Sul) e o Acordo de Nkomati (entre Moçambique e a África do Sul) são gestos susceptíveis de alterar significativamente as relações de forças existentes no cone sul do nosso continente.

Registamos a coragem política que foi necessária ao Presidente Samora

Machel para a conclusão do acordo bilateral com o seu poderoso vizinho. Partilhámos a sua opinião de que não se escolhem os vizinhos, mas tão só os amigos.

No seio de qualquer um dos nossos cinco países, nunca esteve em causa a alteração dos nossos princípios políticos concernentes ao regime do *"apartheid"* ou ao apoio à luta dos nossos irmãos da SWAPO e do ANC. Prova cabal desta afirmação é a Declaração de Bissau, cujo fundamento se encontra irrefutavelmente comprovado na nossa prática política ao longo destes escassos anos de independência. Por isso apelamos à identificação do inimigo e das suas numerosas extensões.

Por isso apelamos à identificação dos verdadeiros culpados das situações vividas. Não reservaremos surpresas a ninguém se falarmos da situação económica difícil dos nossos países. Não serão comuns os responsáveis destas situações criadas?

O novo *"modus vivendi"* a estabelecer na região é sintomático do avanço da situação a África Austral.

Por outro lado, estudaremos a situação que possibilita que no quadro da reunião cimeira da nossa organização continental, a OUA, possam ter a ocasião de abordar outros problemas candentes da actualidade africana, desde que sejam respeitadas as condições que permitam a realização deste fórum insubstituível.

Para além destas preocupações, teremos igualmente a possibilidade de analisar aspectos relacionados com a nossa cooperação. Nestes escassos meses que nos separam da Cimeira de Bissau envidámos esforços no sentido de dinamizar os mecanismos e acções que possibilitam o encadeamento do plano programado.

É este o contexto desta nossa cimeira extraordinária do Maputo. A atenção merecida com que analisaremos os assuntos, reforçará os laços de compreensão mútua já suficientemente afirmados.

MUITO OBRIGADO!